

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Cláudia Alexandre Teixeira

**TEXTOS E CONTEXTOS: A PRODUÇÃO ESCRITA DA CRIANÇA
SOBRE A SUA COMUNIDADE**

Belo Horizonte

2012

Ana Cláudia Alexandre Teixeira

**TEXTOS E CONTEXTOS: A PRODUÇÃO ESCRITA DA CRIANÇA SOBRE A SUA
COMUNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Prof^a Kely Cristina Nogueira Souto

Belo Horizonte

2012

Ana Cláudia Alexandre Teixeira

**TEXTOS E CONTEXTOS: A PRODUÇÃO ESCRITA DA CRIANÇA
SOBRE A SUA COMUNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Prof^a Kely Cristina Nogueira Souto

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Nome orientadora: Kely Cristina Nogueira Souto – Faculdade de Educação da UFMG

Nome da Convidada: Maria Elisa de Araújo Grossi – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este plano de ação pedagógica teve por objetivo proporcionar situações de produção escrita, envolvendo fotografias da comunidade onde os estudantes moram. O trabalho foi desenvolvido com 23 crianças entre 7 e 8 anos de idade que frequentam o 2º ano do 1º ciclo do ensino fundamental na rede pública municipal de Belo Horizonte. Nesta proposta os alunos tiraram fotografias durante caminhada orientada. Este recurso, da fotografia, foi utilizado como estratégia para a produção da escrita de textos. O estudo e a intervenção proporcionaram uma produção escrita mais significativa e aproximou ainda mais escola e o espaço onde os insere.

Palavras-chave: Ensino fundamental – produção escrita – fotografia – ensino – aprendizagem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - A casa de Denise antes e depois da desapropriação; texto da criança.....	20
FIGURA 2 - Aluno identifica sua casa nas fotos tiradas durante a caminhada.....	21
FIGURA 3 - Praça do Cruzeiro – Vila Cemig – foto escolhida para o texto coletivo.....	23
FIGURA 4 - Alunos interagindo com jornal em sala de aula, selecionando manchetes e notícias para o jornal da sala	25
FIGURA 5 - Texto descrevendo a Praça do Cruzeiro	27
FIGURA 6 - Texto descrevendo a Praça do Cruzeiro “disreformada”.....	29
FIGURA 7 - Descrição da Casa da Denise	32
FIGURA 8 - Descrição da Casa da Nattiely	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. JUSTIFICATIVA.....	8
3. OBJETIVOS.....	10
3.1 Objetivo Geral	10
3.2 Objetivos específicos.....	10
4. METODOLOGIA	11
5. DESENVOLVIMENTO	12
5.1 Caracterização da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri e da Vila Cemig.....	12
5.2 Os sujeitos envolvidos no contexto do trabalho	14
5.3 A conversa sobre o entorno e as primeiras observações	15
5.4 A fotografia como forma de registro.....	17
5.5 A escolha das primeiras fotografias	18
5.6 O planejamento da caminhada pela comunidade.....	20
5.7 A definição das imagens – primeiras interpretações	21
5.8 Imagens e textos jornalísticos como modelos para as primeiras produções	22
5.9 As primeiras produções escritas sobre a imagem escolhida.....	25
5.10 As escritas individuais	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS	38
Anexo 1 Solicitação de autorização enviada à Direção da Escola.....	39
Anexo 2 Solicitação de autorização para uso de imagem enviada aos pais/responsáveis.....	41
Anexo 3 Texto coletivo produzido pelos estudantes	43

1. INTRODUÇÃO

Este plano de ação pedagógica aborda a produção de texto de crianças de 7 e 8 anos de idade, que frequentam o 2º ano do 1º ciclo do ensino fundamental.

Dessa forma, considera-se que através da produção de texto a criança desenvolve a criatividade, a percepção e a interpretação. Sendo possível, inclusive, aproveitar diversas situações para a produção de textos, como ocasiões do cotidiano que valorizem o aspecto comunicativo da cultura escrita.

É por meio da linguagem oral e escrita que o ser humano se comunica e se constitui um ser social. Segundo Teberosky (2003), criar um contexto de cultura escrita significa dar oportunidades para que as crianças atribuam significados ao que está escrito, conforme suas diversas competências.

Dentro desse contexto, nessa ação as crianças foram protagonistas na produção textual que abordou o lugar onde vivem usando como meio de registro a fotografia. Sendo que, o trabalho enfatizou a construção de textos e priorizou a finalidade comunicativa da língua escrita. A prática de ensino-aprendizagem buscou aproximar o cotidiano da comunidade aos saberes escolares.

Ressalto que, este trabalho foi desenvolvido na Escola Dinorah Magalhães Fabri, situada na região do Barreiro, que atende a comunidade Vila Cemig e Conjunto Esperança; áreas consideradas de vulnerabilidade social, que fazem parte do projeto BH Cidadania que visa melhorar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Atualmente, a Vila Cemig passa por um processo de urbanização que modificará sua atual estrutura física, o Programa Vila Viva, que foi discutido e aprovado pela comunidade. Este programa tem por objetivo trazer maior qualidade de vida, minimizando áreas de risco através da urbanização de vilas, o que acarretará

desapropriações de famílias. Porém, o programa abrange ainda construção de parques e praças, além da ampliação das redes pluviais e de esgoto.

Tais mudanças estão interferindo diretamente na vida das crianças e conseqüentemente na da escola, pois alguns alunos irão deixar a escola em virtude dessas desapropriações.

Assim, a linguagem escrita foi a maneira de dar visibilidade ao conhecimento prévio sobre o espaço que ocupam e recurso para o desenvolvimento da capacidade de escrita. Busquei com essa prática educativa possibilitar a produção de textos baseados no cotidiano e numa situação em que eles estão envolvidos.

Dentro desse contexto, ressalto que, fiz intervenções, mas com o intuito de apoiar e orientar antes, durante e depois da produção.

O trabalho consiste em: Introdução; a Justificativa que motivou esta pesquisa; Objetivos; Metodologia utilizada; Desenvolvimento do trabalho, incluindo as atividades realizadas. E, por fim, faço minhas considerações finais, concluindo o trabalho como um todo.

2. JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pela necessidade de trabalhar a produção de texto de maneira contextualizada, possibilitando desenvolver a percepção, a criatividade e a interpretação.

Durante o processo de alfabetização o aluno começa a compreender que a linguagem escrita pode representar a linguagem oral. Ao iniciar a própria produção textual ele irá falar sobre o que lhe é significativo.

Ao trabalhar portadores diferenciados e gêneros textuais diversos explora-se a sua aplicação no cotidiano valorizando sua função social.

Nesse trabalho de intervenção com crianças de 7 e 8 anos, a proposta foi a produção de textos informativos, partindo de fotos feitas pelos próprios estudantes a partir do dia-dia e das mudanças que ocorrem no entorno de suas casas e da escola.

Dominar a linguagem oral e escrita é fundamental para a participação social. É por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa, compartilha e defende pontos de vista, assim produz conhecimento. Ao apropriar-se da linguagem escrita, supõe construir a representação da fala. Ao propor atividades de ensino-aprendizagem de escrita, deve-se considerar a produção oral e escrita como formas de interação comunicativa.

Escrever é uma tarefa árdua, logo as crianças não podem perder de vista que estão escrevendo para outras pessoas lerem e não apenas para a professora. A linguagem escrita foi tratada como instrumento de interlocução.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) definem linguagem como:

[...] ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Os homens interagem pela linguagem tanto em uma conversa de

bar, entre amigos, ou ao redigir uma carta pessoal, quanto ao redigir uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. [...] enquanto atividade social e histórica, por meio dela, de geração em geração, se constroem quadros de referências culturais – representações, ‘teorias’ populares e mitos, concepções e orientações ideológicas, inclusive preconceitos – por que interpretamos a realidade e as expressões linguísticas.

Mesmo para quem já sabe ler e escrever convencionalmente, essa não é uma tarefa fácil, pois muitos são os aspectos que envolvem o processo de escrita. Logo é preciso conhecê-los, para então articulá-los e tornar os textos possíveis de serem compreendidos.

Acredito na importância de iniciar o quanto antes o trabalho de produção de textos, buscando consolidar as capacidades escritoras desejadas nos estudantes e necessárias a um escritor proficiente.

O contexto onde a escola se insere, as crianças, a comunidade e as mudanças que hoje a cercam também justificam a proposta de trabalho desta ação pedagógica.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Possibilitar aos alunos de 7 e 8 anos, situações significativas de práticas de produção de texto, integradas as vivências cotidianas na comunidade em que estão inseridas.

3.2 Objetivos específicos

- Registrar as mudanças no meio físico da comunidade Vila Cemig a partir do olhar das crianças por meio da fotografia.
- Possibilitar a interação com suportes de texto informativos (jornais).
- Proporcionar momentos de reflexão sobre a escrita a partir da reescrita.
- Promover situações em que as crianças percebam a importância das mudanças físicas na comunidade.
- Produzir textos informativos curtos, coesos e coerentes.

4. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido com educandos do 2º ano do 1º ciclo do ensino fundamental, com idade entre 7 e 8 anos, sendo realizado em cinco etapas:

A primeira e segunda etapa aconteceu em sala. Primeiro tivemos uma conversa sobre as obras do entorno da escola, onde foi proposto esse trabalho. Em seguida, escolhemos entre as crianças, duas, que teriam as casas demolidas, em virtude do Programa Vila Viva, e que levariam o equipamento fotográfico para o registro. Ressalto que, essas duas etapas aconteceram em um mesmo dia.

A terceira etapa ocorreu na semana seguinte, quando planejamos a caminhada. Que ocorreu no dia posterior ao planejamento, com o intuito de realizar o registro fotográfico das obras.

Posteriormente, em sala de aula, escolhemos a imagem para a escrita do texto coletivo, e as imagens para os textos das duas estudantes citadas anteriormente.

Na quarta etapa, foi realizada a escrita coletiva sobre a imagem escolhida e a escrita individual, onde as estudantes escolhidas escreveram sobre as fotos que fizeram.

Finalizando, os estudantes revisaram seus textos, tanto o coletivo, como os individuais.

O produto desse trabalho resultou em um Jornal Mural primeiramente em sala e depois no pátio da escola, o que gerou visibilidade da comunidade escolar.

Segue-se o detalhamento das ações descritas acima e análise das produções escritas.

5. DESENVOLVIMENTO

5.1 Caracterização da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri e da Vila Cemig

A Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri situa-se na Rua Pavão s/n, Vila Cemig em Belo Horizonte, e é atendida pela regional Barreiro¹, que possui 27 escolas municipais, 7 Unidades Municipais de Educação Infantil e 25 creches conveniadas.

Sendo que, a escola foi criada pelo decreto nº 5232, de 27/12/1985, recebendo o nome em homenagem a Dinorah Magalhães Fabri, ex-professora municipal. Suas atividades iniciou-se em 01/02/1986, com atendimento no prédio da Escola Municipal Pedro Aleixo, no 2º turno (das 11h15 às 15h30, na época) até o mês de agosto, quando foi definitivamente transferida para a Rua Pavão, s/n, onde, antes, havia um campo de futebol.

No início do seu funcionamento, todos participavam do preparo e da distribuição da merenda, além da limpeza da cantina e das demais dependências da escola, inclusive aos sábados, pois o quadro de funcionários era bem reduzido.

Na inauguração em 1986 a escola possuía doze salas de aula, uma quadra de esportes coberta, a sala da direção, dos professores, da coordenação e orientação educacional, além da biblioteca, da secretaria e dos banheiros. Em 1996, foram construídas mais seis salas de aula para atender à demanda cada vez maior.

Atualmente, funciona em três turnos, atende a 1.168 estudantes, aproximadamente, contando com um quadro de 100 funcionários. Possui hoje, dezenove salas de aula e, além das demais dependências já citadas anteriormente, conta também com uma sala de informática, cantina ampla, vestiários masculino e feminino, duas salas de

¹ A prefeitura de Belo Horizonte é dividida em 9 regionais administrativas, no intuito de melhor gerenciamento e atendimento ao cidadão de Belo Horizonte.

intervenção, e como anexo a UMEI- Unidade Municipal de Educação Infantil José Isidoro Filho.

A Vila Cemig está localizada entre os bairros Flávio Marques Lisboa e Conjunto Esperança, possuindo uma área de 282.000 m², número de domicílios de 2.310 em 2002, população total residente de em 6.400; com taxa de alfabetização de 82,5%.² Esta vila surgiu da ocupação de terras próximas a torres da Cemig – Companhia Energética de Minas Gerais na década de cinquenta.

A Escola participa de programas oferecidos pela Prefeitura Municipal às comunidades carentes pela sua rede de educação. Atualmente, oferece serviços como Escola Aberta, Escola Integrada, Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de fazer parcerias com programas provenientes da esfera Estadual e Federal como o Fica-Vivo e o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), respectivamente.

Recentemente a escola passou a integrar o Programa Escola de Férias, que atende aos estudantes durante o período de férias escolares, oferecendo atividades recreativas, culturais e alimentação. A participação nesses programas contribui para o fortalecimento do vínculo da comunidade com a instituição.

A escola possui um projeto político pedagógico muito antigo, que não atende às demandas da comunidade escolar. No ano de 2011, iniciou-se a discussão para reelaboração do mesmo considerando a localização da escola e o pertencimento étnico-racial dos estudantes, no intuito de incluir no Projeto Político Pedagógico questões que sejam relevantes para a escola e seus educandos.

A Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri, já esteve entre as piores 33 escolas da rede municipal devido ao baixo desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)³. Nessa ocasião a autoestima dos profissionais foi

² Dados retirados do site www.favelaeissoai.com.br

³ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino. O indicador é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do INEP e em taxas de aprovação. O índice é medido a cada dois anos e o objetivo é que o país, a partir do alcance das metas municipais e estaduais, tenha nota 6 em 2022 – correspondente à qualidade do ensino em

devastada, pois a escola passou por intervenções e nesse momento, apesar dos esforços para melhorar o índice da escola, a “prefeitura” foi vista como inimiga, por parte dos funcionários da instituição.

A escola contou com a implementação do Programa de Intervenção Pedagógica (PIP), que visa diminuir a defasagem dos estudantes em relação ao esperado pelo ano do ciclo, o que contribuiu para melhora significativa nos índices apresentados pela instituição.

Esse contexto colaborou para uma reflexão sobre a prática em sala de aula, na intenção de construir práticas mais significativas e que contribuam de forma mais eficaz no processo ensino/aprendizagem dos atores envolvidos no processo.

5.2 Os sujeitos envolvidos no contexto do trabalho

Os estudantes envolvidos nesse trabalho apresentam hoje idades entre sete e oito anos, estão juntos desde 2011, quando ingressaram na escola no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental.

A maioria cursou a Educação Infantil, alguns vieram da UMEI José Isidoro Filho, vinculada à Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri, outros estudaram na Creche Comunitária da Vila Cemig. A sala contava ano passado com 20 crianças, entre elas uma aluna portadora da Síndrome de Down.

Todos os estudantes moram na comunidade da Vila Cemig ou no Conjunto Esperança. O Conjunto Esperança é posterior à comunidade da Vila, a sua implantação trouxe conflitos, na sua maior parte violentos. Os novos moradores vieram de várias partes de Belo Horizonte e região metropolitana.

Devido à organização por ciclos de aprendizagem, o grupo está junto desde 2011, logo a convivência se torna um fator importante no processo. A construção do

países desenvolvidos.

diálogo com as famílias acontece no dia- dia, independente de reuniões com hora marcada.

É importante abrir espaço para ouvir e entender o que eles têm a dizer, pois isso reflete nas ações em sala e em algumas intervenções necessárias de acordo com o contexto. A participação familiar constitui um aspecto importante no desenvolvimento escolar dos estudantes.

Neste ano a turma conta com 23 estudantes, e apresenta algumas alterações em relação ao grupo inicial, já em virtude das mudanças ocasionada pelas intervenções do Programa Vila Viva. Sendo que, cerca de 10 estudantes já realizam leitura com compreensão de pequenos textos, 5 conseguem ler e compreender frases, 3 realizam leitura de palavras canônicas, 3 decodificam palavras e 2 estão no processo de reconhecer letras do alfabeto.

São estudantes que independente do seu desenvolvimento na linguagem escrita atuaram como produtores de conhecimento através deste trabalho.

A minha trajetória profissional como professora municipal passa pela Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri. Minha primeira experiência na Escola foi como Educadora Infantil, na UMEI José Isidoro Filho, que faz parte da Escola e atende crianças de 0 a 5 anos e 8 meses na mesma comunidade. Pouco depois, de ingressar na prefeitura como Professora Municipal, voltei à Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri onde estou há quatro anos.

Atualmente leciono para o 2º ano do 1º ciclo do ensino fundamental (antiga 1ª série) e recentemente assumi outro cargo na mesma escola e trabalho também com o 3º ano do 2º ciclo (antiga 5ª série).

5.3 A conversa sobre o entorno e as primeiras observações

Durante as aulas questionei aos estudantes sobre as obras que ocorrem na comunidade e de acordo com as falas deles, observei que desconheciam o

Programa Vila Viva. Mas, todos foram capazes de afirmar que as mudanças serviriam para melhorar a vida dos moradores.

Porém, alguns deles afirmaram não gostar das mudanças, conforme a fala da estudante Denise: - *“Esse povo quer derrubar minha casa, aí vou ter que mudar... num tô gostando disso não!”*

Durante a conversa inicial, procurei colher com os estudantes informações sobre obras próximas as suas casas, o impacto que estas já causavam e o que eles estavam sentindo sobre tudo o que estava acontecendo.

Dessa forma, os estudantes começaram a descrever situações, lugares, sentimentos, produzindo seus primeiros textos orais sobre o assunto. Nesse momento os eles foram convidados a comunicar verbalmente suas ideias, partindo de experiências reais, concretas sobre sua vivência visando o objetivo de que posteriormente escreveram, usando uma linguagem mais rica e apropriada ao contexto de circulação do texto.

Segundo Baldi (2012, p.13):

...A criança é desde cedo capaz de construir conhecimento sobre tudo que interage, especialmente com o que a desafia. Desse modo, também a produção de textos pode começar ainda antes de ela ser alfabetizada se a colocarmos numa posição de quem tem o que dizer e sabe como fazê-lo.

Durante essa conversa inicial, duas estudantes deixaram evidentes suas preocupações e insatisfações com as mudanças que afetaram suas moradias.

Elas relataram que suas casas serão demolidas e logo terão que mudar da comunidade. Isso motivou os colegas da turma a escolherem-nas para levar o equipamento fotográfico para casa e registrarem o lugar onde moram e que em breve deixará de existir.

Nesse momento problematizei com as crianças o 'como' registrar essas mudanças? E quem poderia registrar essas mudanças? As crianças descartaram o desenho, pois acreditam que para escrever sobre as mudanças os desenhos não iriam funcionar. O argumento do estudante Jhuan ilustra esta afirmação: *“Se a gente fizer os desenhos, pode não ficar tão parecido, aí os outros não vão entender o que é... Tem que ser de outro jeito!”*

5.4 A fotografia como forma de registro

Sugeri aos estudantes o registro por meio de fotografia, cuja proposta foi bem aceita por eles.

Assim, ficou determinado, em conjunto com a turma, que a fotografia seria o registro da realidade retratada por eles, o que além de ajudar a compor o texto escrito, colaborou na formação do pensamento visual.

Nesse trabalho a fotografia foi utilizada como recurso para o texto. Ao descrever a imagem por meio do discurso, este já vem com a interpretação, com a subjetividade de cada um acerca daquilo que vê.

Darbon (2005, p. 101) nos diz que uma imagem não possui um sentido que lhe seja inerente, pois o sentido de uma imagem se constrói. Logo, a fotografia foi o registro da imagem sobre a qual eles fizeram a interpretação sobre a própria realidade. Ao produzirem esses registros, eles definiram sobre o que escrever, descrever, definiram sobre o que era importante falar. O discurso escrito atribuiu aí o sentido a imagem:

A primeira ideia sobre a qual gostaria de insistir diz respeito ao fato de que texto e imagem não podem ser considerados do mesmo nível hierárquico: a imagem deve ser subordinada ao texto. Isso decorre diretamente daquilo que dizia relativamente ao sentido: se uma imagem não tem sentido em si, que lhe seja inerente, se o sentido de uma imagem está, sempre, para ser construído por meio do discurso, a imagem, então, é apenas um suporte para o discurso. (DARBON, p. 103).

A fotografia neste contexto teve a função registrar a memória da comunidade que passará por mudanças na estrutura que hoje as crianças conhecem.

5.5 A escolha das primeiras fotografias

Na primeira etapa do trabalho, os estudantes escolheram por meio de votação duas colegas que levaram o equipamento fotográfico e registraram suas casas, que logo deixariam de existir em virtude da desapropriação.

Nesse momento eles exercitaram seu poder de decisão e autonomia diante da situação, ao escolher quem faria os registros individuais. Decidiram, ainda, quantos dias cada criança ficaria com o equipamento em casa e quantas fotos poderiam fazer.

Dessa discussão resultou que, o equipamento ficaria dois dias com cada uma, e poderiam fazer três fotos, que seriam socializadas com o grupo, mas a escolha seria feita pelas fotógrafas. Após a realização das fotos, tanto das estudantes quanto da turma durante a caminhada, elas foram socializadas em sala.

A seleção da foto para a escrita coletiva foi praticamente uma unanimidade, a foto da praça da comunidade, conhecida como Praça do Cruzeiro⁴.

Durante o processo, ocorreu a desapropriação e demolição da casa de uma das fotógrafas. Ela então pediu para fazer o texto com as duas fotos, uma mostrando a desapropriação, contudo ela demonstrou mais dificuldade em construí-lo, conforme figura 1, abaixo.

⁴ A Vila foi uma das incluídas, na década de 1980, no PRODECOM – Programa de Desenvolvimento das Comunidades, do Governo do Estado, sendo conquistada nessa época a instalação de redes de esgoto e água, a urbanização de ruas, que contou com a participação dos moradores em mutirão, e uma sede para Associação Comunitária. Na mesma época, como iniciativa do Sr. José Ramos, a praça da comunidade ganhou o Cruzeiro, ponto de referência na vila. Ele carregou nas costas a cruz que hoje fica no local, desde a Igreja Cristo Redentor, na entrada do Bairro Flávio Marques Lisboa, até a praça, que ficou conhecida como Praça do Cruzeiro. Fonte: www.favelaeissoai.com.br

ESCOLA MUNICIPAL DINORAH MAGALHÃES FABRI



ESSA É A CASA DA MENINA AEMBRA
DA DENISE QUE EU TE FALEI E ESSA
É UMA OUTRA FOTO É ESTA É A MINHA
VELHA CASA E AGORA ESTA DISTRUIDA.

FIGURA 1- A casa de Denise antes e depois da desapropriação

5.6 O planejamento da caminhada pela comunidade

A caminhada pela comunidade motivou os estudantes, pois seria um momento onde poderiam mostrar o lugar onde moram à professora. Eles seriam os detentores do conhecimento. Contudo esta ação precisava ser planejada, ter um roteiro estabelecido, um mapa primeiramente mental e em seguida escrito de onde iríamos.

Assim, produzimos coletivamente o nosso texto contendo informações e instruções sobre a caminhada. Foi o momento para organizar as ideias, usar o vocabulário adequado à situação, levando em consideração o fato que naquele momento seríamos os leitores, mas que o texto poderia ser utilizado por outras pessoas. A intenção foi produzir um mapa para orientar a caminhada pela comunidade.

A intenção do texto era de informar e instruir sobre o caminho que realizamos na comunidade, esse texto apresentou a intenção didática e também a intenção comunicativa onde eles foram os leitores.

Durante a caminhada eles localizavam suas moradias e as dos colegas. Alguns recordavam o que existia nos lugares antes das obras.

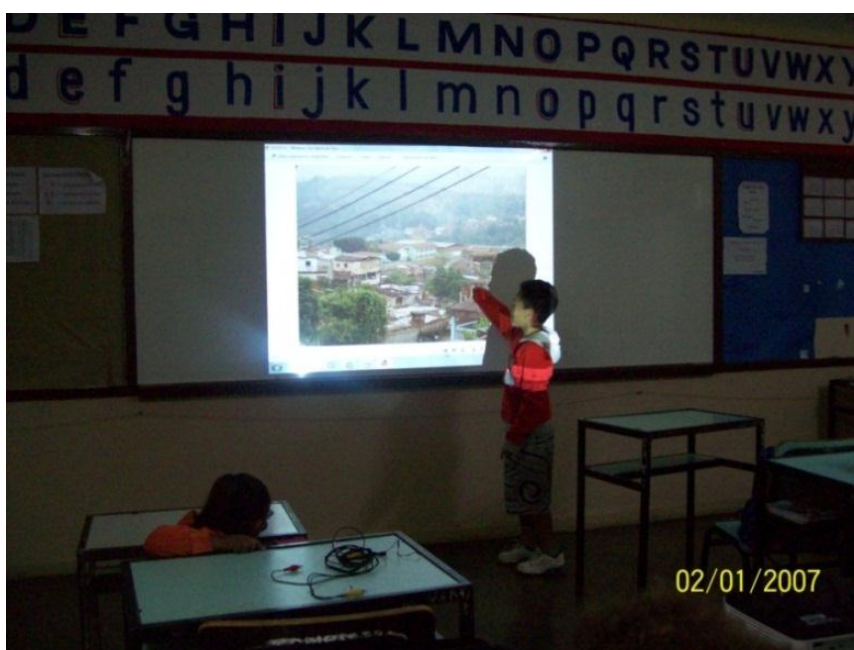


FIGURA 2 - Aluno identifica sua casa nas fotos tiradas durante a caminhada.

A aproximação entre a escola e o lugar onde moravam constituiu um elo entre o saber produzido na escola e o mundo real. A comunidade passa a ser objeto de estudo, objeto sobre o qual os estudantes irão produzir saber. O cotidiano, o contexto é um rico material para ser explorado.

Enquanto docente, pude perceber minha turma de um ponto de vista diferente. Essa foi a primeira vez que caminhei pela comunidade dos alunos, além do meu caminho natural entre a escola e a minha casa. Pude perceber a real dimensão da comunidade onde a escola se insere, inclusive, as distâncias percorridas por algumas crianças, e a dificuldade do trajeto, até a escola. O que decorreu disso foi a benéfica experiência de conhecer o entorno da escola e conhecer melhor meus próprios estudantes, estreitar nossas relações ainda mais.

Para os estudantes o trabalho foi o momento de perceber as mudanças que estão ocorrendo na comunidade com um olhar mais atento. As observações feitas durante a caminhada foram utilizadas na construção dos textos.

5.7 A definição das imagens – primeiras interpretações

A imagem coletiva definida como a mais importante foi a Praça do Cruzeiro. Esse foi o último ponto definido durante o planejamento da caminhada e uma das últimas fotos realizadas.

Esse foi o ponto da caminhada que as crianças insistiram em cumprir. O nosso horário estava no limite, e já era hora de voltar à escola para o lanche, contudo eles não abriram mão de subir até a praça.

A figura escolhida retrata a praça da comunidade, é lá que outros equipamentos públicos funcionam. Este espaço foi um dos primeiros a ser reformado, cujo resultado, na opinião das crianças, foi positivo.

Durante a realização da escolha das fotos, eles opinaram pela posição e o que gostariam que aparecesse na imagem.

Diante da impossibilidade de todos manusear o equipamento fotográfico, foram eleitos dois fotógrafos para a caminhada, tirando fotos que alcançaram uma qualidade desejável para o trabalho. Os estudantes participaram de forma ativa dos momentos do plano de ação.



FIGURA 3 - Praça do Cruzeiro – Vila Cemig

A escolha feita pelos estudantes foi interessante e possibilitou um bom trabalho de descrição do lugar. O texto não poderia apenas falar sobre uma praça qualquer e sim sobre aquela Praça, que era tão importante que não poderia ser posta de lado durante a caminhada por causa do recreio.

Logo, a importância da Praça do Cruzeiro para as crianças é significativa, o que pôde ser observado nas produções.

5.8 Imagens e textos jornalísticos como modelos para as primeiras produções

Os estudantes tiveram como modelos textos jornalísticos informativos. Esse gênero textual já fazia parte da rotina dos estudantes desde o 1º ano. O trabalho com diversos gêneros textuais incluía as notícias de jornal, manchetes, fotos com legendas informativas.

Em sala os estudantes continuaram a ter contato com o suporte de texto; jornal, onde o gênero textual informativo apoiado por fotos é comum.

Levei para sala diversos jornais, que exploraram, leram algumas manchetes e notícias. Pedi que identificassem o nome de cada jornal. Ao descobrir um jornal que falava sobre a região do Barreiro o interesse cresceu, e os alunos conseguiram identificar estabelecimentos comerciais e lugares que conheciam.

O jornal nesse momento cumpriu muito bem sua intenção comunicativa, os estudantes perceberam que o jornal não falava apenas de lugares distantes, mas também de lugares e situações próximas à realidade deles.

Para Marcuschi, o jornal é um suporte textual convencional, produzido com uma finalidade definida. Ele expõe também que:

O jornal, diário e mesmo o jornal semanal, é nitidamente um suporte com muitos gêneros. Estes gêneros são, em boa medida, típicos e recebem em função do suporte, algumas características em certos casos, tal como o da notícia. (MARCUSCHI, 2008, p. 179).

A intenção didática em trabalhar com os gêneros textuais contidos nos jornais é de formar leitores críticos, que aprendem a respeitar diferentes pontos de vista, conhecer diferentes posturas ideológicas e tomar posições diante a fatos do cotidiano. Portanto é importante que essa interação comece nos primeiros anos de escolarização.

Além disso, explorar o domínio discursivo para a produção de textos de acordo com o leitor, ampliando o vocabulário e estimulando a expressão escrita dos estudantes com o objetivo de transmitir suas próprias mensagens.

(...) entendemos como domínio discursivo uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica, etc) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. Assim, os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. (MARCUSCHI, 2008, p. 194).

De posse dos jornais escolhidos, eles leram, selecionaram algumas manchetes e notícias, tendo a fotografia como suporte para o texto. Montamos um painel com as

notícias selecionadas que ficam expostas em sala. Esses textos foram importantes para a construção posterior; servem como de fonte para a consulta.

Os gêneros textuais públicos estão geralmente ancorados em situações concretas, obedecendo a um contexto de produção, comunicar uma situação real.

Em sala o jornal funcionou como um instrumento de mediação entre a escola e o mundo, contribuindo para relacionar os conhecimentos prévios dos estudantes e suas experiências pessoais. Ajudou também construir novos conhecimentos a partir da leitura e a estabelecer novos objetivos de leitura.

Em sala, após a leitura das notícias previamente selecionadas de acordo com o interessante ou a repercussão na mídia, os estudantes foram estimulados a emitir opiniões, comentarem situações. Assim o jornal atuou como um material pedagógico atualizado.



FIGURA 4 - Alunos interagindo com jornal em sala de aula

O trabalho com o gênero textual público, notícia, é geralmente trabalhado na perspectiva da compreensão. Em algumas situações, são notícias que embora de conhecimento geral, aparecem de forma distante da realidade dos estudantes.

Esse trabalho além da compreensão de texto contribuiu para a produção escrita.

A leitura para escrever é um momento especial, coloca os estudantes numa posição de leitor diferente da que usualmente ocupam. Afinal, a tarefa deles será encontrar aspectos do texto que auxiliem a resolver seus próprios problemas de escrita. (Rana, *apud* Baldi, 2012, p.35)

O estímulo à leitura jornalística amplia a visão da realidade de vida, de mundo, como um todo.

5.9 As primeiras produções escritas sobre a imagem escolhida

A proposta inicial de escrita era que as crianças produzissem um texto coletivo, entretanto elas manifestaram o desejo de registrar suas ideias individualmente.

Todos os estudantes escreveram sobre a mesma imagem, os textos produzidos descreveram a praça, os estabelecimentos comerciais que lá existem.

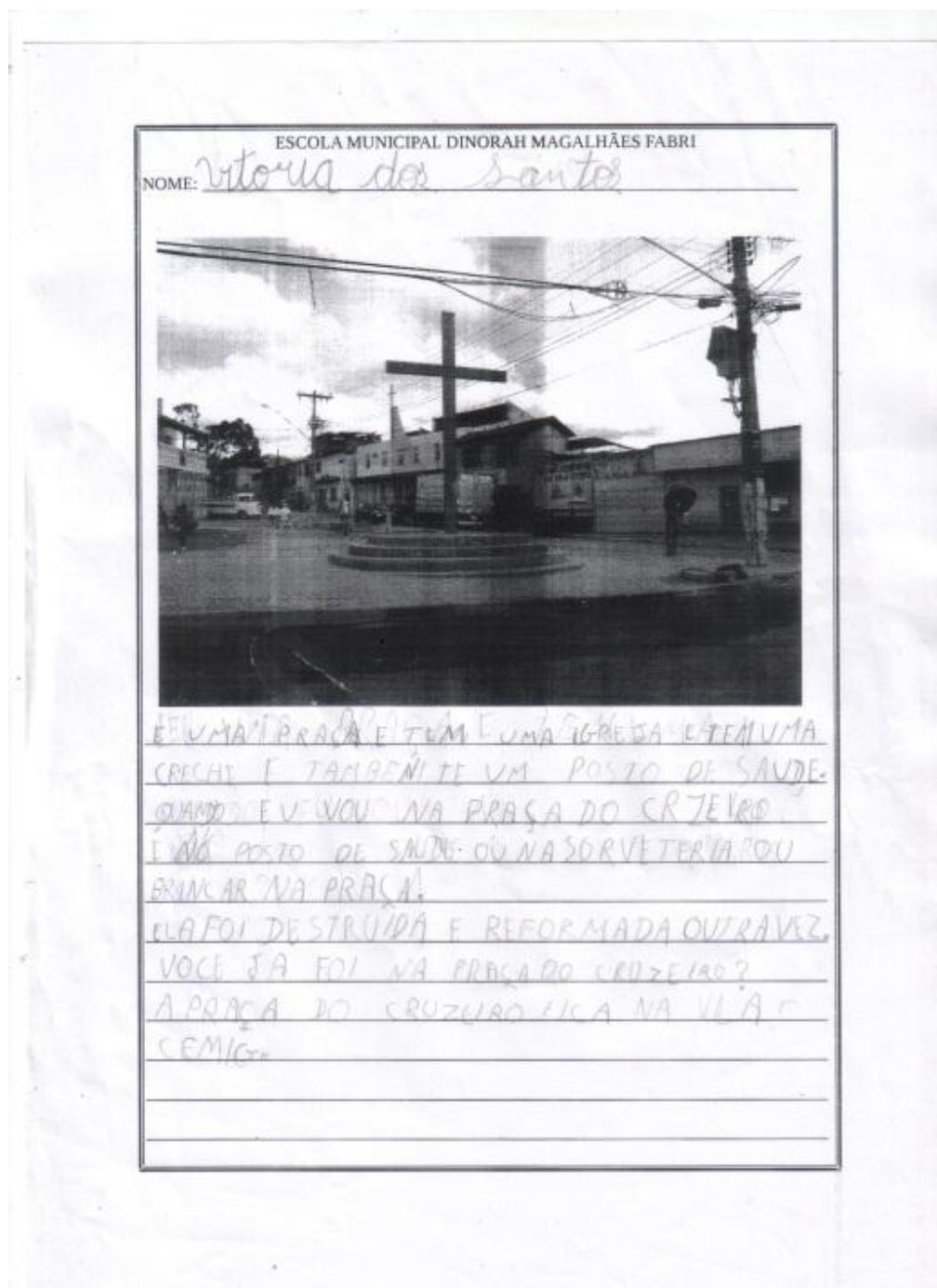


FIGURA 5 – Texto descrevendo a Praça do Cruzeiro

Os estudantes conseguiram situar a praça, o local onde ela fica (bairro, a região da cidade). A descrição baseou-se naquilo que viram. Alguns escreveram também sobre momentos de diversão naquele espaço.

Ao descrever a praça os estudantes usaram os termos 'destruída' ao se referirem à obra. A ideia de destruição apareceu com frequência durante as conversas, contudo

eles reconheceram que a praça está mais bonita, mesmo antes da finalização da obra.

Os estudantes foram convidados a ler suas produções para os colegas da sala. Ao ler o que produziram, eles foram corrigindo o que acharam necessário. Isso proporcionou uma reflexão sobre o conhecimento ortográfico, a escrita e seu caráter comunicativo. Porque estavam preocupados em se fazerem entender, pois um texto pode proporcionar várias interpretações aos seus leitores.

Em um dos textos apareceu o termo 'disreformada', foi a maneira que a criança encontrou para se referir a obra. A palavra usada gerou discussão e o dicionário entrou como material de apoio. Eles pesquisaram algumas palavras que usaram na escrita de seus textos.

ESCOLA MUNICIPAL DINORAH MAGALHÃES FABRI

NOME: *Richard Juan Lourenço dos Santos*
1000



É UMA PRAÇA QUE FOI DISREFORMA
DADA É FOI REFORMADA DE NOVO
E É A PRAÇA FICA NA VILACEMI
QUE ELA AINDA TEM UMA SORVETERIA
E TEM UMA LANCHONETE ELA
FICAVA NA REGIÃO DO BAREIRO.

FIGURA 6 – Texto descrevendo a Praça do Cruzeiro “disreformada”

Durante essa atividade a intenção pedagógica foi iniciar a construção de capacidades de escrita; o planejamento da escrita, a textualização, ou seja, adequar o texto ao portador e ao leitor presumido e aprender a revisá-lo.

Além disso, também se constituem, como conhecimento com os quais se opera ao escrever, os comportamentos escritores que compreendem comentar com outro escritor o texto que se está escrevendo, analisando o escrito, revisando-o, se necessário, ajustando-o aos parâmetros da situação comunicativa definida. (Bräkling; Garcia, 2012, p. 19)

Os estudantes ao produzirem seus trabalhos se preocuparam com o aspecto descritivo em seus textos. Falaram da praça descrevendo aspectos físicos, os estabelecimentos comerciais que julgaram mais importantes. Foi a primeira vez que fizemos uma produção de texto que não tinha como imagem uma imagem escolar como estímulo. Percebi que os estudantes se sentiram mais motivados ao produzir os textos.

5.10 As escritas individuais

As estudantes que escreveram sobre as fotos que fizeram individualmente também produziram textos descritivos. A primeira quando realizou a escrita já tinha se mudado e sua casa demolida.

Ao se referir a sua casa, agora demolida, ela se distanciou da situação usando a 3ª pessoa, o que me chamou a atenção, pois há um relato dos seus sentimentos quando afirma *“que a menina gostava muito dessa casa”*.

ESCOLA MUNICIPAL DINORAH MAGALHÃES FABRI



ESSA CASA FOI DESTRUIDA E OS MORADORES
AGORA MORAM NO CONJUNTO ESPERANÇA
E ELAS GOSTAVAM MUITO DESSA CASA
E LA TINHA CACHORRO GATO-PASSAROCALINHA
E LA TINHA UMA MENINA CHAMADA DENISE
E ELA GOSTAVA MUITO DE BRICAR NA VELHA
CASA DA VILA CEMIGUE E LA VAI TER UM
PROGRAMA CHAMADO VILA VIVA E LA VAI
SER CONSTRUI UM PARQUE DE ECOLOGIA
E TAMBEM VAI SE CONSTRUIDO PREDIOS
E APARTAMENTOS

FIGURA 7 – Descrição da Casa da Denise

Entretanto, a criança narrou sua história, contou sobre seus animais de estimação, usou verbos no passado. Citou o motivo da desapropriação e o destino que será

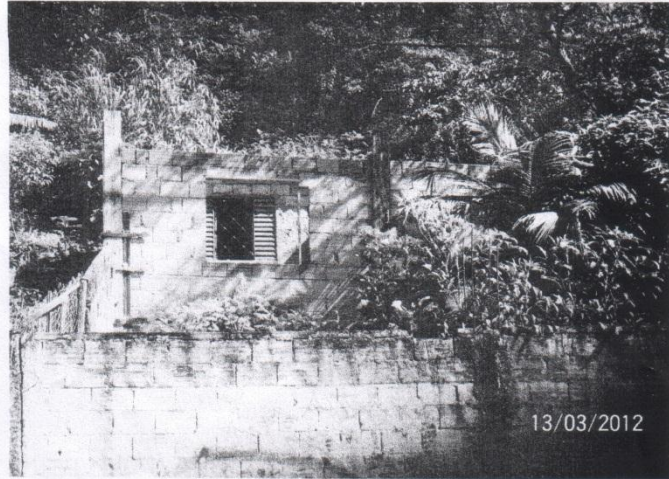
dado ao terreno desapropriado. O texto apresentou coerência; ela não emitiu uma opinião sobre o Programa Vila Viva que motivou todas as mudanças.

A segunda estudante ao escrever sobre sua casa, que ainda não foi demolida, emite uma opinião sobre a situação, e o quanto a está incomodando, pois ela gosta de morar lá e não quer ver a casa demolida; vide figura 8.

As duas usaram o termo 'destruída' ao se referirem a suas casas. A primeira estudante já teve sua situação resolvida, a sua mudança já aconteceu como ela mesma contou na sua produção escrita; já a segunda estudante terá uma mudança maior; sairá da escola e da comunidade.

A segunda estudante também citou o futuro destino do terreno após a desapropriação e deixou clara sua insatisfação com a situação.

ESCOLA MUNICIPAL DINORAH MAGALHÃES FABRI



ESSA É UMA CASA QUE VAISER DESTRUIDA
E VAI CONSTRUIR UM PRÉDIO.
ESSA CASA FICA NA REGIÃO DO BARREIRO
EU NÃO CONCORDO COM ISSO PORQUE EU
MORO LA EU GOSTO MUITO DE MORAR LA
POR ISSO QUEL QUERO FICAR LA. MIDMIRTO LA.
LAVAI FAZER UM PARQUE VAI FAZER MUITOS
PRÉDIOS LA

FIGURA 8 – Descrição da Casa da Nattiely

Ao final as produções de textos descreviam o lugar, e a situação vivenciada por cada uma das estudantes. Os textos atenderam ao propósito comunicativo de

acordo com o esperado para o ano do ciclo em que as crianças se encontram, além de estimulá-los a pensar sobre uma situação que estão vivendo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver este trabalho, enquanto docente, tive a oportunidade de conhecer o espaço onde a escola se insere e a realidade onde as crianças vivem. Pude redimensionar a prática de ensino-aprendizagem considerando a realidade ao redor da escola.

Ao propor uma produção escrita sobre as obras na comunidade, buscando como modelos textos informativos jornalísticos, tive a intenção de aprimorar os textos produzidos pelos estudantes.

O trabalho realizado inicia uma prática mais envolvida com as questões do cotidiano dos estudantes. Muitas vezes, os diversos suportes de textos (figuras, desenhos, fotos) que utilizei dentro de sala, foram trabalhados apenas na dimensão da leitura e compreensão destes, sendo que, a produção escrita não levava em conta tais suportes.

Nessas ocasiões, as crianças produziam textos sem uma intenção comunicativa, e isso não contribuía para a qualidade da escrita.

Durante esse projeto eles se preocuparam com a escrita e o 'se fazer entender'. A escrita se baseou na descrição do concreto e em alguns casos os alunos conseguiram expressar opiniões.

Nos momentos em que liam suas produções para os colegas, os estudantes fizeram reflexões sobre a escrita das palavras, sobre o que escreveram e o que de fato queriam dizer.

Muitos ainda apresentam dificuldade na escrita, quanto à base alfabética, o que não os impediu de participar e produzir seus textos. Esses textos foram lidos e suas ideias reescritas pelos colegas para que não se perdessem.

Nas suas produções, alguns termos indicam que eles começaram a se apropriar de algumas palavras presente nos jornais consultados. Porém, os textos deles tiveram um caráter mais descritivo como pudemos observar na produção escrita coletiva.

Como no texto do estudante Richard que diz: “ (...) A praça fica na Região do Barreiro”.

Eles descreveram a praça, contaram a história de suas moradias, mostraram riqueza de informações, o que enfatiza que a produção textual das crianças desse ciclo precisa de modelos para leitura e consulta.

Esta ação ao longo do processo se tornou interdisciplinar alcançando outras disciplinas, como arte, história e geografia.

Cotidiano, identidade, memória, paisagem, população, contexto, ambiente compõem um conjunto de possibilidades que mobiliza as diferentes disciplinas. Estas, na prática do estudo do meio, adquirem um caráter mais investigativo na construção do conhecimento que o de transmissão de saberes levada a cabo por agentes mediadores do processo de ensino-aprendizagem. (Aquino; Oliveira, p. 88, 2012)

Além das produções escritas, outras produções surgiram nas demais disciplinas devido ao interesse das crianças sobre o assunto. O meio em que eles vivem se tornou um objeto de estudo rico em informações e tornou o processo ensino-aprendizagem mais prazeroso.

A ação iniciada com as crianças do 2º ano do 1º ciclo do ensino fundamental se estendeu aos estudantes do 3º ano do 2º ciclo. Eles também escreveram sobre a comunidade, contudo, realizam a escrita durante as aulas de informática. A intenção é publicar os textos no blog da escola, assim como os textos dos estudantes do 2º ano.

Como docente, acredito que esta ação enriqueceu a prática educativa, contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem. A ação pedagógica proporcionou aos estudantes momentos de reflexão sobre a própria realidade, assim enquanto

docente espero contribuir para que se tornem leitores críticos e que construam capacidade escritoras.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Acácio Arouche de; OLIVEIRA, Marco Antônio de. Estudo do meio. Reflexões e experiências da prática escolar. IN: Revista Educação – Especial Didática. São Paulo: Editora Segmento, Agosto, 2011.

ARANTES, Elizete. A fotografia na sala de aula. Disponível em: <http://elizetearantes.blogspot.com.br/2010/04/fotografia-na-sala-de-aula.html>. Acesso em 15 de abril de 2012.

BALDI, Elizabeth. Escrita nas séries iniciais. Porto Alegre: Ed. Projeto, 2012

Bräkling, Kátia Lomba; GARCIA, Marisa. O ajuste do texto ao contexto de produção: um conteúdo esquecido? IN: Revista Educação – Especial Didática. São Paulo: Editora Segmento, Agosto, 2011.

DARBON, Sebastien. O etnólogo e suas imagens. IN: SAMAIN, Etienne. O fotográfico. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. Como usar o jornal na sala de aula. 10ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais, Introdução. Brasília: MEC, v.1 v.2, 1997.

SAMAIN, Etienne. O fotográfico. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

TOLEDO, Regina de Fatima Teixeira de. Produção de texto na educação infantil. UFMG/FAE, 2010.

ANEXOS

Anexo 1; autorização enviada à Direção da Escola.

Anexo 2; autorização de uso da imagem enviada aos pais/responsáveis.

Anexo 3; texto coletivo produzido pelos estudantes durante a ação pedagógica.

Anexo 1 Solicitação de autorização enviada à Direção da Escola



LASEB
Curso de Especialização em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 03 de setembro de 2011.

Prezado(a) diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que o(a) professor(a) aluno(a) do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação/UFMG, desenvolva seu plano de ação nessa instituição.

Esclarecemos que esta atividade é orientada por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e às questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos de parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação desta ação constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos na atividade, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos seus filhos em atividades e registros de imagens.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os planos de ação nele desenvolvidos.

Atenciosamente,

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Coordenadora Geral do Curso

Elza Vidal de Castro
Assessora Pedagógica do Curso

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 – laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

Anexo 2 Solicitação de autorização para uso de imagem enviada aos pais/responsáveis



LASEB
Curso de Especialização em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 03 de setembro de 2011.

Prezados Pais,

A professora _____ desenvolverá nesta escola, nesse segundo semestre de 2011 e primeiro semestre de 2012, uma atividade relacionada ao seu trabalho final de curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas, fotos, vídeos, filmagens de aulas, necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos e imagens no referido trabalho dos filhos e pais de alunos.

Atenciosamente,

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Coordenadora Geral do Curso

Elza Vidal de Castro
Assessora Pedagógica do Curso

De acordo:

Assinatura dos pais / responsáveis pelo aluno(a): _____
nome do aluno

Assinatura dos pais ou responsável pelo aluno

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 – laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

Anexo 3 Texto coletivo produzido pelos estudantes

ESCOLA MUNICIPAL DINORAH MAGALHÃES FABRI

NOME:

Denise Victoria

VOCÊ SA



VOCÊ SABIA?

QUE A PRAÇA DO CRUZEIRO
FICA NA VILA CEMIG, REGIÃO
DO BARREIRO DE CIMA.

ELA FOI REFORMADA E FICOU BONITA
NA PRAÇA FICA O POSTO DE SAÚDE,
SOFETERIA, LANCHONETE, IGREJA CALÇA
E A CRECHE.